

coleção

**lygia
fagundes
telles**



coleção

lygia
fagundes
telles





Venha ver o
pôr do sol
e outros contos

Ilustrações

*Dave Santana e
Maurício Paraguassu*

O texto ficcional desta obra é o mesmo das versões anteriores, agora em edição revista e cotejada.

Venha ver o pôr do sol e outros contos

© Lygia Fagundes Telles, 1988

<i>Diretor editorial adjunto</i>	Fernando Paixão
<i>Editora adjunta</i>	Gabriela Dias
<i>Editora assistente</i>	Tatiana Corrêa Pimenta
<i>Redação</i>	Barbara Heller e Márcia Lígia Guidin
<i>Coordenação editorial</i>	Miró Editorial
<i>Revisão</i>	Márcia Lígia Guidin, Renata Del Nero e Luciene Lima
<i>Coordenadora de revisão</i>	Ivany Picasso Batista
<i>Pesquisa iconográfica</i>	Silvio Kligin e Barbara Heller

<i>Edição de arte</i>	Cíntia Maria da Silva
<i>Capa e projeto gráfico (adaptação)</i>	2 Studio Gráfico
<i>Editoração eletrônica</i>	Claudia Furnari

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

T275v

20.ed.

Telles, Lygia Fagundes

Venha ver o pôr do sol e outros contos / Lygia Fagundes Telles ;
ilustrações Dave Santana e Maurício Paraguassu. – 20.ed. – São Paulo : Ática,
2007.

il. – (Coleção Lygia Fagundes Telles)

Inclui apêndice e bibliografia
ISBN 978-85-08-10801-5

1. Comportamento humano – Ficção. 2. Conto brasileiro. I. Título.
II. Série.

06-3868.

CDD 869.93

CDU 821.134.3(81)-3

ISBN 978-85-08-10801-5 (aluno)

ISBN 978-85-08-10802-2 (professor)

Código da obra CL 735682

CAE: 211212

2014

20ª edição

11ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática - 1995

Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 - atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.





Uma escritora genial

“Por que ler estes contos de Lygia Fagundes Telles?”, perguntará você, talvez. Porque ela é uma “imortal”, a terceira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras? Ou porque, dizem, é a maior escritora brasileira dos últimos tempos?

Qualquer uma dessas razões já seria um convite à leitura, mas não a mais saborosa. O principal motivo para ler os contos desta antologia é poder embarcar numa experiência única, na companhia de uma escritora que tem o raro talento de expressar, de forma precisa e intrigante, os mistérios da alma humana. E são esses mistérios que levam seus personagens a viver ou agir de modo muitas vezes surpreendente.

Alguns dos contos de Lygia Fagundes Telles parecem conter um clima nebuloso, que nos projeta para além da realidade cotidiana. Abordam situações que chamamos de fantásticas – porque são improváveis, assustadoras. E nesta antologia você encontrará várias delas...

Em “O noivo”, Miguel, apesar de todos os sinais evidentes (o fraque, telegramas, a mala pronta), não consegue lembrar-se de que aquele é o dia de seu próprio casamento. Pior, não sabe nem quem é a noiva. Em “As formigas”, a narradora confunde o leitor: o que é mais intrigante, o esqueleto de um anão com todos os ossinhos, como um quebra-cabeça, ou as formigas que rondam o quarto da

pensão? Em “O jardim selvagem”, mistério e suspense também rondam o casamento do tio Ed com sua estranha mulher, que jamais deixa de usar luva em uma das mãos.

Com a feliz capacidade de instalar seus personagens já no meio da ação, Lygia Fagundes Telles inquieta e surpreende a nós, leitores, do início ao fim de suas histórias recheadas de toques sutis de humor, mesmo nos momentos de maior tensão psicológica. Seus personagens poderiam viver uma vida comum, mas não: vivem situações inusitadas, que (esta é a questão!) também poderiam acontecer ao nosso redor.

Em “Venha ver o pôr do sol”, conto que dá título a este livro, dois ex-namorados marcam um encontro num cemitério abandonado. Por que ele quer vê-la uma última vez? E ela, por que o trata com tanta aspereza? No premiado “Antes do baile verde”, Tatisa se divide entre ir ao baile de carnaval e ficar com o pai, doente numa cama. E o que dizer dos laços afetivos entre o órfão Alonso e seu cão, em “Biruta”; do singelo encantamento do filho pela mãe em “O menino”, ou do inesperado confronto entre solidão e fé em “Natal na barca”?

É por tudo isso que, depois de ler os oito contos especialmente selecionados para esta antologia, você conhecerá a força do vínculo que Lygia Fagundes Telles consegue criar com seus leitores. Suas técnicas de escrita, os temas originais, a ágil linguagem fazem da gente eternos admiradores dessa escritora paulistana, internacionalmente aclamada.

Os editores

Sumário



-
1. *O noivo* 9
 2. *Natal na barca* 21
 3. *Venha ver o pôr do sol* 29
 4. *As formigas* 41
 5. *O jardim selvagem* 51
 6. *Biruta* 61
 7. *Antes do baile verde* 71
 8. *O menino* 83

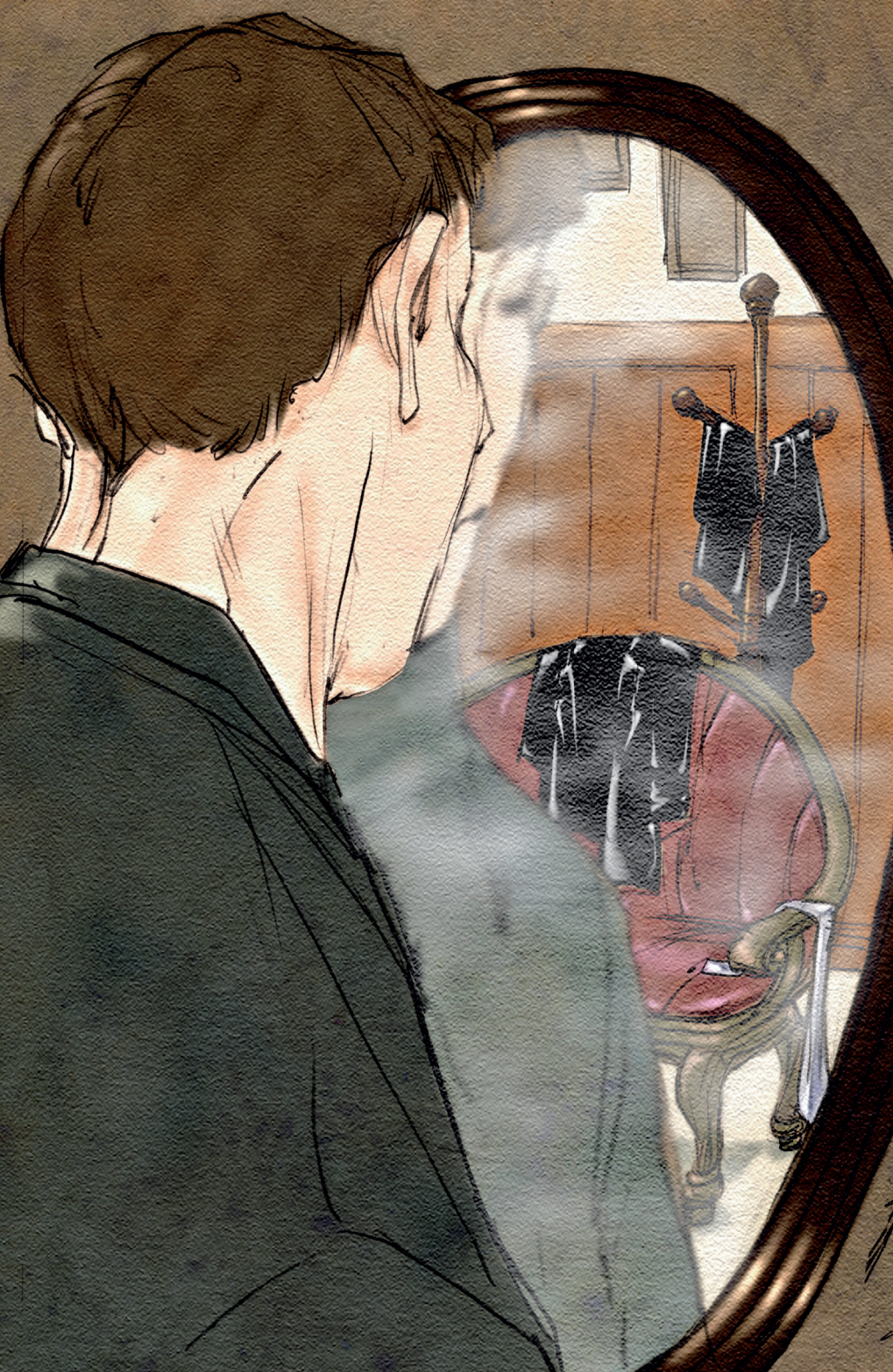
Lygia Fagundes Telles com todas as letras

Biografia 96

Entrevista 98

Por dentro do estilo 100

Bibliografia 102



1 O noivo

As batidas na porta eram suaves. Mas insistentes. Ele abriu os olhos. Sentou-se na cama.

– Emília? Você, Emília?

A mulher demorou um pouco para responder.

– Eu queria saber se o senhor já acordou. É que está chegando a hora...

– Hora do quê?

– Hora do casamento!

Casamento? Que casamento?

– Que casamento, Emília?

Ela deu uma risadinha.

– O senhor já acordou mesmo? Acho que o senhor ainda está dormindo, é bom tomar um café. Vou trazer o café.

Ele recostou a cabeça no espaldar da cama. Hora do casamento. Mas que casamento? Hoje é quinta-feira, não? Quinta-feira, doze

de novembro. Então? Quem é que se casa hoje? Não tenho nenhum casamento marcado para hoje. E logo cedo... Vagou o olhar pelo quarto. Estava ficando muito velha, coitada, aquilo era arteriosclerose, imagine, vir batendo na porta daquele jeito, “Hora do casamento!...” Bocejou. Os objetos do quarto flutuavam informes em meio da escuridão. Pensou em naufrágio num fundo de mar. Tão poético. Apertou os olhos e fixou-se no espelho oval que emergia das sombras como um peixe luminoso: Quinta-feira doze. “Que casamento é esse? Não sei de nada...”

– Emília! Casamento de quem? Que história é essa, Emília?!

Ela já não podia ouvi-lo. Atirando longe as cobertas, levantou-se. “Bobagem, não tenho casamento nenhum para hoje. Ainda bem, uma chateação...” Apanhou os cigarros na mesa. Antes, tocou com as pontas dos dedos tateantes no cinzeiro em formato de lua crescente, presente de Naná, a Naná do tempo ainda das cerâmicas. Até abotoaduras lhe fizera, umas abotoaduras enormes, nenhum punho de camisa aceitaria abotoaduras daquele tamanho. Agora estava toda voltada para a escultura, o que era inquietante. “Qualquer dia desses vai me mandar um busto de Voltaire. E um Voltaire não se pode pôr na mesinha de cabeceira”, pensou enquanto deixava cair no cinzeiro o palito de fósforo.

“Aposto que o dia está azul”, murmurou ao abrir a janela. Um raio de sol varou o quarto. “Azul, azul”, repetiu sem nenhum entusiasmo. Poderia ir ao clube e depois almoçar com Naná se não fosse quinta-feira, dia em que ela devia fazer milhões de coisas. E os meninos estavam de férias. “Manda-se os pequenos para o zoológico e pronto”, decidiu ele dirigindo-se ao espelho. Passaria rapidamente pelo escritório e em seguida se meteriam num cinema, “ai, hoje não quero fazer nada de importante, nada”. Alisou os cabelos. Arregaçou os lábios para examinar os dentes.



“Os incisivos teriam que ser mais agudos”, lembrou-se e riu. Que pesadelo! Chegara a sentir nos braços que se transformavam em asas, a penugem aveludada do morcego.

“Como pode o peixe vivo...” cantarolou olhando para o espelho. Foi então que viu: estendido na poltrona, estava um fraque. Um fraque mesmo? Um fraque, via perfeitamente através do espelho as calças bem vincadas, o colete apontando dentro do paletó, a gravata prateada pendendo até o chão.

“Um fraque”, repetiu ele fixando o olhar assombrado na própria imagem. Mas que fraque era esse? E quem o deixara ali, quem? “Nunca tive nenhum fraque, não ia agora...” Soprou a fumaça do cigarro na direção do espelho. “Mas que bobagem é essa, meu Deus?! Quem deixou esse fraque comigo? Como se eu devesse vestir para alguma cerimônia. Para o casamento, a Emília não avisou? Hora do casamento, está na hora do casamento!”

Via-se embaçado no espelho como uma figura de sonho. Soprou mais fumaça. O fraque também se afastava num vapor azulado, breve reflexo de um espelho criador de imagens: uma face que podia ser de outra pessoa, um fraque que não era de ninguém. Baixou a cabeça. Emília tinha razão, ele estava mesmo precisando de um café. Um café que devia ser tomado rapidamente, “está na hora do casamento!” Deu alguns passos pelo quarto, rondava a poltrona mas sem se atrever a tocar na roupa que agora se destacava dentre os móveis e objetos, tão nítida. “Mas que é isto? Quem é que trouxe este fraque aqui? Uma brincadeira?” Não, não era brincadeira, Emília era séria demais para entrar em brincadeiras assim. E depois, onde é que estava a graça? Nem tinha cabimento. Um equívoco, então? Um simples equívoco? Aproximou-se da poltrona, estava agora mais curioso do que propriamente surpreendido. De quem seria? Passou a mão no paletó, cheirou-o: bem como

tinha imaginado, um fraque novo. Intacto. Examinou o forro. Nele, apenas o nome do alfaiate, Cordis. Os bolsos vazios, claro.

“Cordis”, murmurou inexpressivamente. Nunca ouvira falar nesse alfaiate. Apanhou a gravata, examinou a etiqueta, uma etiqueta elegante, mas que também não lhe dizia nada, *Pure Silk Made In Austria*. “Nunca estive na Áustria. E nunca vi antes esta gravata.” Arqueou as sobrancelhas. Deixou cair a gravata. Um equívoco, é lógico, um amigo ia se casar e a roupa viera para ele, Emília recebeu o pacote e pensou que. Mas que amigo seria esse?

– Posso entrar?

Ele teve um estremecimento, a voz de Emília parecia vir de dentro do espelho.

– Emília, e o... o fraque?

– Que é que tem o fraque? Não está aí?

– Está. Mas a calça amarrotou um pouco...

– Posso alisar se o senhor quiser. Mas já são quase nove horas, o casamento não é às dez? O café está aqui, o senhor não quer uma xícara?

– Agora não, depois.

“Depois”, repetiu baixando o olhar para a poltrona. Empalideceu. Via agora ao lado do armário uma maleta – a maleta que usava para viagens curtas – cuidadosamente preparada, como se daí a alguns instantes devesse embarcar. Ajoelhou-se diante da pilha de roupas. “Mas para onde? Não sei de nada, não sei de nada!...” Examinou os pijamas envoltos em celofane. Tocou de leve no calção de banho, nos shorts, nos sapatos de lona. Tudo novo, tudo pronto para uma curta temporada na praia, a lua de mel ia ser na praia. E quem ia se casar era ele.

Inclinando o corpo para trás, ainda de joelhos, sentou-se sobre os calcanhares, abriu as mãos e ficou olhando para as unhas.